

DOSSIÊ TEMÁTICO

Paisagens psicossociais cinematográficas de uma infância trans:

Análise cartográfica filmica de *Tomboy*

Márcio Alessandro Neman do Nascimento¹

Eloize Marianny Bonfim da Silva²

Jefferson Adriã Reis³

Jéssica Matos Cardoso⁴



REBEH

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS

Resumo: Quando falamos em produção de subjetividades, o cinema ocupa um lugar de destaque nos agenciamentos macro e micropolíticos que nos territorializam e desterritorializam constantemente, pois, sendo composto por um contínuo entre realidade e ficção, esse dispositivo virtual se atualiza como um potente problematizador das relações que estabelecemos nos diferentes contextos sócio-histórico-políticos e culturais. Diante disso, este trabalho busca problematizar como o filme *Tomboy* (2011) apresenta as questões de gêneros, sexualidades, corporalidades e produção de subjetividades singulares/normativas na infância trans. Propomos, então, uma análise inspirada pela Filosofia da Diferença, pela epistemologia dos estudos de gêneros e pelos Estudos *Queer* visando as narrativas imagéticas, políticas, poéticas, éticas, afetivas e lúdicas das experiências e transversalidades da criança trans protagonista dessa obra cinematográfica francesa. Discutiremos a construção de corporalidade e as resistências e transgressões possíveis para uma criança que foge ao binarismo do sistema sexo/gênero e se produz em um campo possível em que os conceitos estanques de homem/masculino e mulher/feminino dificultam a expressão do desejo e construção de uma estilística da existência singular.

Palavras-chave: Gênero. Cinema. Cartografia Filmica. Infância Trans. *Tomboy*.

¹ Psicólogo. Professor Adjunto do curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). Coordenador do Laboratório Esquizoanalista de Produção de Subjetividades e(m) Interseccionalidades (LEPSI). O presente trabalho se refere a uma produção do projeto de pesquisa intitulado “Corpos em *Frames*, Corpos em Fuga: Problematizando Corporalidades e suas Interseccionalidades em Obras Cinematográficas”. E-mail: marcioneman@gmail.com.

² Graduanda em Psicologia pela UFR. Integrante do LEPSI. E-mail: eloize@protonmail.com.

³ Licenciado em Letras/Português pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Campus Rondonópolis). Graduando em Psicologia pela UFR. Integrante do LEPSI. Blog: www.jeffersonadriareis.com. E-mail: jeffersonadriareis@gmail.com.

⁴ Graduada em Psicologia pela UFR. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFR (PPGEdu). Integrante do LEPSI. E-mail: jessicamatos19@hotmail.com.

Por um posicionamento teórico-metodológico em tons rizomáticos e em uma paleta de cores plurais

A prática de uma escrita é permeada por um composto de processos pensantes que mesclam experiências, um olhar e agir sobre o mundo e como somos atravessados por ele. Quando escrevemos sobre a infância trans, nos remetemos também às nossas infâncias dissidentes, marcadas por interdições, *bullying*, cerceamento de trânsito por territórios, impedimento da expressão dos desejos e conjugualidades e abandonos religiosos, escolares e familiares. Como diz Marina Castañeda (1999), a pessoa LGBT+ não é doente ou transtornada, mas pode adoecer a partir de quando as condições socio culturais estabelecem e mantêm a precariedade da vida.

De acordo com Judith Butler (2015, 2019), a vida é tecida por tramas e regimes de verdades e inteligibilidades que podem produzir condições facilitadoras para o desenvolvimento de uma vida prazerosa, assim como também podem construir vulnerabilidades e sofrimentos psicofísicos desde a tenra infância até a fase adulta por uma infinidade de práticas discursivas agenciadas por instituições como família, religião, escola, trabalho e um projeto de vida social. Nesse contexto, Paul Beatriz Preciado (2013) pergunta: quem defenda a criança *queer*? É preciso que pessoas trans, ao se expressarem, vivam uma vida precária?

A partir dessas problematizações, buscamos, em quatro pares de mãos, devires outros e por meio de uma infinidade de reuniões (muitas das quais estabelecidas de modo virtual em detrimento da pandemia da COVID-19), produzir um trabalho a partir do filme francês *Tomboy* (2011). Pensamos em funcionar como intercessores, como pesquisadores que interceptam e se tornam imperceptíveis desfazendo a simetria de neutralidade e favorecendo a insurgência dos “entre”. Em um fragmento do texto *Rizoma*, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) problematizam:

A Pantera Cor-de-rosa nada imita [...]; ela pinta o mundo com sua cor, rosa sobre rosa, é o seu devir-mundo, de forma a tornar-se ela mesma imperceptível, fazendo sua ruptura, sua linha de fuga, levando até o fim sua ‘evolução a-paralela’. Sabedoria das plantas: inclusive quando elas são de raízes, há sempre um fora onde elas fazem rizoma com algo – com o vento, com um animal, com o homem (e também um aspecto pelo qual os próprios animais fazem rizoma, e os homens etc.). ‘A embriaguez como irrupção triunfal da planta em nós’ (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 20).

Nós, enquanto quatro “crioncinhas” cor de rosa em outrora, habitantes do interior do Mato Grosso, amantes de cenas-paisagens em movimentos, escolhemos estabelecer conexões com o paradigma ético-estético-político das artes, ou seja, nos acoplamos com o cinema para produzir conhecimento, uma narrativa possível que mescla uma cartografia fílmica dentro/fora do filme sobre uma criança trans. A personagem protagonista, Laure/Mikkael⁵, apresenta-se como uma multiplicidade *queer* (PRECIADO, 2011) não de lutas idênticas às nossas, mas que se aproxima de muitos contextos/situações vivenciados por pessoas LGBTQ+ que coexistem nesse mundo.

Diante dessa problemática, o arcabouço teórico-metodológico deste artigo se vincula à perspectiva da Filosofia da Diferença, epistemologias dos Estudos de Gênero, Estudos *Queer* e Cartografias Esquizoanalíticas e se dá por meio da criação e análise de categorias imagéticas, políticas, poéticas, estéticas, éticas e afetivas das ludicidades, experiências e atravessamentos macro-micropolíticos da criança protagonista do filme, no que tange especialmente às questões de gêneros, sexualidades e corporalidades.

Também nos posicionamos a partir do proferido por Suely Rolnik (2007, p. 65), segundo a qual “[...] todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas [...]”, isto é, construiremos uma bricolagem teórico-metodológica mestiça a partir de autore(a)s dito(a)s pós-estruturalistas, feministas, estudioso(a)s das produções de subjetividades, que realizam perspectivas filosóficas convergentes e complementares sempre em defesa da vida plural.

Na escrita deste artigo nos inspiramos nos conceitos foucaultianos de *pensamento e problematização* como uma forma de disparar difrações e digressões e, como disse Rolnik, apostar que as perguntas por nós suscitadas culminem em saídas múltiplas e potentes. Não é de nosso interesse que as perguntas se esgotem em respostas, mas que derivem outras indagações que nos levem a caminhos diversos. O *pensamento* é aquilo que nos permite questionar as ações e práticas, observando seus sentidos e finalidades, isto é, o *pensamento* nos potencializa com a visão crítica, que, por sua vez, resulta na liberdade de buscar e criar o novo (FOUCAULT, 2004a, 2004b).

Dessa forma, o *pensamento* atua como resistência perante as naturalizações, essencialismos, binarismos e outras “verdades” criadas sócio-histórico-política e

⁵ Optamos por utilizar uma junção dos nomes Laure/Mikkael para nos referirmos à criança protagonista, pois a personagem não opera nas estruturas binárias por meio de uma matriz de inteligibilidade (estabilidades internas, linearidades e conformidades) do sistema sexo/gênero. Também salientamos o respeito às reivindicações políticas das pessoas trans, problematizando, assim, as transitoriedades entre os gêneros.

culturalmente por meio de relações de poder, mas vendidas (pela ciência, religião, escola, senso comum, mídia, grandes narrativas, corporações, Estado e outros) como sendo naturais e universais (FOUCAULT, 2004a, 2004b). O *pensamento* abala as linhas duras e cristalizadas de ser/fazer/existir, então esperamos que as perguntas por nós elaboradas neste trabalho nos levem a problematizar os fatos, as relações, o mundo e a nós mesmos.

Foucault (2004a, p. 242) pensa a *problematização* como sendo um “conjunto de práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento”. A *problematização* foucaultiana investe em manter as indagações abertas, sugere que não sufoquemos a pergunta com uma resposta pautada em um regime de verdade e que não nos contentemos com uma afirmação. Uma pergunta deve nos levar a outras perguntas em um fluxo contínuo de interrogações e construções críticas.

Sendo assim, o cinema, um dispositivo artístico e cultural híbrido de ficção e realidade e produtor de subjetividades, será, neste trabalho, o ponto de partida de uma *problematização* que não se pretende finita. Por meio de um viés político-poético, o cinema pode produzir sentidos e significados, que surgem, como desenhados por Donna Haraway (1995a, 1995b, 2000), a partir de atravessamentos de composições de humanos (pensados sem uma hierarquia entre outros elementos heterogêneos espalhados no campo psicossocial).

Haraway é responsável por algumas quebras importantes para pensarmos nossa relação com o mundo. A primeira delas diz respeito à quebra da fronteira entre animal e humano; a segunda, entre organismo (animal-humano) e máquina; e a terceira, entre o físico e o não-físico (HARAWAY, 2000). Assim, nos questionamos: quem somos nós em relação ao cinema de *Tomboy*? Quem somos nós atravessados pela experiência de *Criança Viada*⁶ de Laure/Mikael?

Para isso, problematizamos a infância de uma personagem trans no contexto sócio-histórico-político e cultural francês na segunda década do século XXI por meio de uma possível prática cartográfica proposta por Deleuze e Guattari, aqui, praticada como uma cartografia fílmica de *Tomboy* (2011). Ao explorarmos, por meio do

⁶ Em 2012, o jornalista Iran Giusti criou o Tumblr *Criança Viada*, espaço virtual onde publicava fotos suas e de amigo(a)s em poses que não se enquadravam à heteronormatividade. Com o tempo, pessoas de várias partes do país passaram a enviar fotos suas para que fossem divulgadas e o termo “criança viada” se popularizou nas mídias sociais, principalmente no meio LGBT+. Atualmente a página <http://criancaviada.tumblr.com/> se encontra desativada.

posicionamento da Filosofia da Diferença, o viés político e poético desse filme na produção de sentidos e significados que compõem o ser humano, criamos, por conseguinte, possibilidades de problematização e (re)conhecimento da realidade, em um itinerário que nos levou ao encontro potente e sensível entre o campo de pesquisa e o(a)s pesquisadore(a)s, ou seja, na direção de análises abertas e amplas, intencionalmente afastadas de um referencial linear positivista e não-neutro (HARAWAY, 1995a; ROMAGNOLI, 2009).

Sobre isso, Roberta C. Romagnoli (2009, p. 169) afirma que a cartografia “[...] não parte de um modelo pré-estabelecido, mas indaga o objeto de estudo a partir de uma fundamentação própria, afirmando uma diferença, em uma tentativa de reencontrar o conhecimento diante da complexidade”. Nesse sentido, o material pesquisado não é coletado ou apreendido, sendo sempre produzido e praticado, pois este se compõe por meio do contato com o(a) pesquisador(a) e a forma como é visto e pensado o campo de pesquisa, neste caso, a cartografia fílmica.

Assim, partimos da compreensão de que o cinema se configura não só como a projeção de imagens ficcionais. De acordo com Haraway (2000, p. 40), a “[...] fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão de ótica”. Ressaltamos, então, nessa perspectiva, que o cinema se compõe, sobretudo, como uma forma de discurso sócio-histórico-político e cultural que dispara pensamentos, problematiza a realidade e produz subjetividades, sendo, dessa forma, ao mesmo tempo: estético, poético, epistêmico e político.

A análise aconteceu a partir do dispositivo-disparador fílmico. Para a esquizoanálise, dispositivo pode ser descrito como um agenciamento maquínico de linhas de saber, poder e subjetivação, que, por meio do discurso, mapeia verticalidades e horizontalidades, sendo a horizontalidade do campo do conteúdo e expressão (corporalidades e afecções) e a verticalidade do campo da territorialização e desterritorialização (consolidação e transmutação/criação) (DELEUZE, GUATTARI, 1996). Este artigo será dividido em partes convergentes e complementares chamadas de *cenais-paisagens em movimento*, que abordam o encontro de temáticas sobre relações de gênero, modos de subjetivação, enfrentamentos, jogos de poder e visibilização de identidades abjetas (BUTLER, 2008).

Para as *cenais-paisagens em movimento*, utilizaremos o que Eve K. Sedgwick (2007) propôs em sua obra *A epistemologia do armário*, que extrapola o conceito de *armário*, potencializando-o para além da metáfora. Essa proposta nos instrumentaliza

para produzir, também, a contestação das significações binárias da lógica ocidental e capitalística, que incide na produção estanque de contraposições entre masculino/feminino, homem/mulher, menino/menina e outros.

Em relação a isso, como já mencionado, incorporamos às discussões elementos acerca de constructos biopsicossociais (que não podem ser hierarquizados ou dissociados do seu contexto e olhares) de performance de gênero (BUTLER, 2008), processos de produção de subjetividade (GUATTARI, ROLNIK, 2005) e *cena-paisagens em movimento* que expressam a vida em sua complexidade macropolítica, apresentando as nuances das produções desejanças das (des)territorializações, dos saberes localizados e das existências mínimas e plurais.

Cena-paisagens em movimento 1: uma infância (trans)viada

Figura 1: Contexto familiar em *Tomboy*



Fonte: Print de tela realizado pelos autores

Dirigido por Céline Sciamma, o longa-metragem *Tomboy* (2011) foi produzido e lançado na França e traz como narrativa principal a história de Laure/Mikkel (Zóe Héran), uma criança de dez anos que vivencia na infância a autopercepção das sensações, das experiências com o corpo e das rupturas das identidades sexuais e de gênero. Nesse contexto, a produção cinematográfica se desenrola entre a ludicidade da descoberta de si e processos sociais de estigmatização e violências.

Laure/Mikkael é uma criança que se dá bem com os pais (Mathieu Demy e Sophie Cattani) e tem uma relação de cumplicidade e cuidado mútuo com a irmã mais nova (Malonn Lévana). Por causa do trabalho do pai, ela/ele se muda com a família para um novo município. O espaço urbano no qual a família se insere é um bairro residencial de classe média, cujos habitantes, em sua maioria brancos, enquadram-se nos binarismos-normativos de gênero e sexualidade e no padrão hegemônico e tradicional de família, constituído por filho(a)s, mãe e pai.

Nesse novo bairro, Laure/Mikkael assume para si uma performance de gênero diferente daquela atribuída compulsoriamente ao seu sexo biológico fêmea/mulher, passando a se apresentar com o nome social de Mikkael para o grupo de crianças da sua vizinhança. Com essas crianças, ela/ele estabelece diferentes relações e vivencia momentos de conflito e descontração.

No decorrer da trama, ao se envolver em uma briga com um garoto da vizinhança, Laure/Mikkael se depara com uma situação a qual é obrigada/o pela mãe a revelar a “verdade” em torno da sua performance de gênero. A mãe de Laure/Mikkael chega a afirmar que não importa se ela finge que é um menino, mas que é sua obrigação dizer a “verdade”.

Diante disso, problematizamos: que “verdades” são essas que precisam ser ditas? Como elas se estabeleceram socialmente? O que essas “verdades” querem nos falar? Por que os adultos estão constantemente dizendo sobre as crianças? Um corpo infantil, por si só, não é capaz (ou não está autorizado) a falar sobre si? Por que adultos não suportam quando as crianças dizem a “verdade” que eles teimam em não quererem ouvir?

Preciado (2013) nos lembra que o uso livre e coletivo dos corpos e dos desejos não é plenamente permitido às crianças. Assim, a infância é um patamar crítico de inculcação das normas de gênero, sendo o(a)s pais/mães responsáveis pela manutenção desse regime de verdades, alicerçado por uma hegemonia heterossexual e binária das existências.

É nesse contexto, pensando no rompimento das políticas de verdade (FOUCAULT, 2011) e o trânsito entre os gêneros, que as sexualidades e corporalidades dissidentes/singulares, sobretudo na infância, são alvos das tecnologias de gênero que reiteram a heteronormatividade (LAURETIS, 1994), pois estas representam a instabilidade e o avesso da norma, a qual atribui e naturaliza lugares estáticos do masculino e do feminino.

Cena-paisagens em movimento 2: pra que time ela/ele joga?

Imagem 2: Futebol e momento no lago em *Tomboy*



Fonte: Prints de tela realizados pelos autores

Nesta sessão, atuamos sob e sobre os conceitos de socialização e campos (simbólicos, de poder e de futebol) acerca das relações entre as crianças representadas em *Tomboy* (2011). Para Sheila Backx (1996 apud MOURA, 2005), a relação entre pares é um *instrumento de socialização* e transmissão de valores pelo qual as crianças aprendem e enquadram seus comportamentos em padrões socialmente aceitos.

Em concordância com o descrito por Pierre Bourdieu (1989) quando o sociólogo descreveu um *habitus*, falamos da socialização como sendo um sistema de disposições que nos são incorporadas ao longo de nossos processos, experiências, apreciações e ações que projetam nossa intervenção diária na vida, ou seja, incessantemente confrontada e afetada por novas experiências. De forma indissociável ao *habitus*, o conceito de *campo*, para Bourdieu (1989), sob o qual produzimos nossas relações, descreve o lugar e o não-lugar do poder invisível, onde nos apropriamos de diversas formas de poder (simbólico, cultural e econômico).

Traçando um paralelo, tanto Michel Foucault quanto Bourdieu compreendem o poder como não centralizado e as operações que “definem” os *discursos de verdade* como complexas e relacionais. Assim, sendo o futebol (e seus costumes) um espaço expressivamente masculino (DUNNING, 1997 apud MOURA, 2005), podemos observá-lo a partir da metáfora da *casa dos homens* (WELZER-LANG, 2001), conceito utilizado para descrever as dinâmicas de validação, manutenção e hierarquização, por meio de práticas sociais (discursos, expressões gestuais, comportamentos, etc) das masculinidades lidas como dominantes.

A *casa dos homens* é uma alegoria metafórica conceituada por Daniel Welzer-Lang (2001), que apresenta o esquema naturalizado da dominação masculina

(heterocentrismo, machismo, misoginia e LGBTfobia, entre outros) representando-o como uma divisão entre meninos e meninas e entre meninos e meninos em grupos hierárquicos nos cômodos de uma casa, qualificando-os e dando *status* de privilégio para aqueles que se aproximam do perfil *habitus viril*, ou seja, que estejam de acordo com representações de masculinidades essencialistas e universalizadas chamadas de macho-hétero-genitalizantes e que apresentem características ligadas à dominação.

Em um *roteiro* (trajetória e construção) das masculinidades, dentro dessas sociabilidades temos *cômodos periféricos* (em que habitam/habitam os dissidentes, de pertencimento inferior) e *cômodos em ascensão* (em que habitam/habitam extratos de pertencimento superior). A *casa dos homens*, esse território hierarquizado machista e misógino, se estreita e toda pessoa que não reproduz o sistema sexo/gênero (RUBIN, 2003) em uma performance padronizada, isto é, aquelas que transitam nos entres, passam a sofrer práticas sociais violentas (ameaça física, verbal e extermínio), pois atravessam para locais considerados “femininos” que não cabem nessa *casa*. Sobre isso, Welzer-Lang (2001) diz que:

[...] a educação dos meninos nos lugares monossexuados (pátios de colégios, clubes esportivos, cafês..., mas mais globalmente o conjunto de lugares aos quais os homens se atribuem a exclusividade de uso e/ou de presença) estrutura o masculino de maneira paradoxal e inculca nos pequenos homens a idéia de que, para ser um (verdadeiro) homem, eles devem combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres (WELZER-LANG, 2001, p. 462).

A *casa dos homens* pode ser ilustrada, em um exemplo conveniente com a problematização apresentada, pela diferença de remuneração entre gêneros nas modalidades profissionais⁷ do futebol e de outros esportes, igualmente apontado por Nielmar de Oliveira (2019a, 2019b). Essa disparidade atinge não somente os esportes, mas todas as áreas de trabalho, porém, é bastante expressiva a desigualdade nessa categoria, pois, comparado ao quadro geral (mulheres ganham 79,5% a menos), nos esportes essa diferença chega a ser de 234%.

Essa informação vai ao encontro do que acontece na socialização infantil, pois, desde as primeiras institucionalizações (familiar e escolar), meninos e meninas recebem

⁷ No esporte, a diferença salarial entre os gêneros pode chegar a 234%. Ver em: <https://www.df.superesportes.com.br/app/noticias/mais-esportes/2016/04/01/noticia_maisesportes,60693/homens-chegam-a-receber-234-vezes-mais-que-mulheres-no-esporte.shtml>. Acesso em: 09 de mar. 2019.

diferentes incentivos sobre o domínio do próprio corpo, sendo que agilidade, força e virilidade são habilidades recorrentemente requeridas no processo de ensino-aprendizagem de Educação Física nas escolas (LOURO, 2000a; FURLAN, SANTOS, 2008). Soma-se a isso, ainda, a repressão social e familiar que meninas sofrem para que tenham gestos e expressões sutis, delicadas e meigas, o que cria e reforça o pouco interesse delas em interações que exigem competitividade.

Em relação aos arquétipos de feminilidade “passivos” e essencialistas, portanto combatidos pelos homens e meninos por simbolizar subjugamento e submissão, todo espaço fora da *casa dos homens* é considerado associado às mulheres (WELZER-LANG, 2001), no entanto, tal *casa* não existe sem as mulheres e meninas, não é um espaço de propriedade separado, e sim um campo de compreensão relacional, pois se reforçam e trabalham simultaneamente manias, normas e regras de submissão e dominação (SOIHET, 1997; LOURO, 1997).

A perpetuação de jogos de poder (FOUCAULT, 2006) por meio das relações constituem mecanismos e pequenas máquinas sociais que atuam reprimindo e apontando quais são os corpos e as práticas apropriadas a eles ou não. Logo, um *capital* é compartilhado (BOURDIEU, 1989) no momento em que as crianças brincam, sob olhares ou sozinhas.

Em *Tomboy* (2011) podemos perceber que as personagens infantis, por meio de seus olhares não adultocêntricos, estabelecem uma *cultura de pares*, que, segundo William Corsaro (2009), acontece quando as próprias crianças estabelecem um conjunto estável de atividades, rotinas, artefatos e valores e produzem um faz-de-conta sociodramático que, ao mesmo tempo em que reproduz, cria culturas. Na trama do filme, isso (potencialmente) altera o *habitus* e as dinâmicas sociais que são, em sua maioria, (hetero)normativas.

Condizente com observações de Backx (1996 apud MOURA, 2005) e Moura (2005), em *Tomboy* (2011) a prática do futebol é restrita aos homens/meninos, sobre os quais, caso se afastem da ideia compartilhada de uma masculinidade “ideal”, recai uma série de discriminações, violências e exclusões. Nesse campo, as meninas são impedidas de jogar, como acontece com Lisa e com a irmã de Laure/Mikkael, quando elas procuram acessar as brincadeiras ditas “de menino”. Além disso, assim como o machismo, o viriarcado e a misoginia, a LGBTfobia também se estabelece e se mantém na *casa dos homens*, neste caso, sendo estereotipada no campo de futebol por meio de comportamentos como ficar sem camisa e cuspir no chão.

O campo de futebol é mostrado no filme como um território crítico performático de socialização, pois as brincadeiras e o faz-de-conta sociodramático não se distanciam tanto dos modelos pedagógicos-escolares. Nele, testemunhamos que o que era esperado de Laure/Mikkael era sustentar um padrão comportamental heterocisnormativo, mesmo longe dos adultos e de seu *lócus* doméstico. Como rompente, a criança protagonista deseja ser vista para além das expectativas sobre corpos e gestos, mostrando uma nova forma de estar no mundo que não (re)clama por validação.

Por meio de sua performance, Laure/Mikkael rapidamente ganha espaço no grupo do bairro, participando de todas as brincadeiras e jogos e frequentando todos os ambientes em que Lisa e os garotos costumam se encontrar para brincar. Sem demora, as crianças convidam Laure/Mikkael para nadar com elas, uma situação que lhe surge como inesperada, pois, apesar de sua performance estar posicionada no gênero masculino, o seu corpo, em trajes de banho, aponta-lhe uma falta: o pênis.

O órgão genital, então, é construído por Laure/Mikkael com massinha de modelar, trazendo-lhe a personificação e a materialização de um corpo identificado biologicamente como menino/masculino, destituindo, assim, todos os símbolos que poderiam lhe aproximar de uma menina. Laure/Mikkael, por apresentar um corpo menos púbere ou de traços fenotípicos marcantes de gênero, apropria-se da androginia e dos marcadores que a expectativa social coloca sob meninas e meninos, transitando entre o ele e o ela, dependendo do contexto.

Sob o olhar dos adultos, analisamos que Laure/Mikkael talvez possa se sentir, como disse Haraway (2011), extirpada/o, pois os *discursos de verdade* sobre o seu gênero e a sua sexualidade podem acabar em extermínio ou exclusão social, visto que sua corporalidade e sua performance violam lógicas de dominação e submissão às quais somos pressionados a reagir e a nos adequar.

Cena-paisagens em movimento 3: transcrever-se em um corpo não-binário

Imagem 3: Relação com o corpo em *Tomboy*



Fonte: Print de tela realizado pelos autores

Em um primeiro momento, somos interpelados pelo gênero por meio da linguagem antes mesmo de nosso nascimento, quando falam que somos menino ou menina a partir de uma atribuição de gênero e todos os signos que a envolvem. Nos dizem: menina é menina e ponto final ou menino não é menina e vice-versa⁸. Ou ainda: meninos vestem azul e brincam com carrinhos e meninas vestem rosa e brincam com bonecas. E mais ainda: fecha as pernas que você é uma mocinha ou aja como um menino.

Assim, antes de entendermos algo sobre gêneros ou termos a possibilidade de pensarmos sobre um gênero, ele chega até nós como uma moldura, que exige a reprodução e reiteração dos regimes de normalização. Butler (2008) afirma que as práticas discursivas produzem os efeitos que elas nomeiam, dessa forma, a performatividade se refere à reiteração dos discursos sobre os corpos, fazendo emergir, assim, existências aceitáveis e dignas de valor. Então, as identidades fixas nas categorias dicotômicas homem/mulher, masculino/feminino surgem a partir da matriz da inteligibilidade cultural e é ela também, que nomeia os corpos enquanto possíveis socialmente.

⁸ Fazemos referência aqui às campanhas contra uma suposta “ideologia de gênero”, que foram espalhadas em vários municípios do país em formato de *outdoor*.

Porém, ao passo que experienciamos o mundo e vivenciamos nossos desejos, sentimentos e afetos podemos continuar incorporando e reproduzindo essas normas ou rejeitar e reivindicar esse gênero (BUTLER, 2018). Isso acontece, inicialmente, porque há brechas na reiteração e nos ditames do próprio regime e, nesse momento, acontecem os desvios e, então, a fragilidade e instabilidade da norma são reveladas. Outras formas de existência começam a operar, outras formas de vivenciar os gêneros e as sexualidades começam a ganhar forma, em intersecção com outros marcadores sociais que produzem subjetividades normatizadas/singulares (NOGUEIRA, 2017).

Estas, porém, são colocadas em risco quando isso acontece. Dessa forma, os gêneros se produzem em meio a conflitos, hierarquias e desigualdades, sendo alguns corpos e performatividades tidos como centrais e referências para os demais, considerados, portanto, “naturais” e “normais”, enquanto outros são considerados “anormais”, alvos de constantes vigilâncias e passíveis de regulação/normatização (LOURO, 2000b), por meio dos múltiplos discursos e regimes de verdades (FOUCAULT, 2011). Esses regimes de verdades são fundamentados por regras que definem e qualificam o que é um corpo, um gênero, uma vida e uma sexualidade inteligível⁹, ou seja, o que é aceito e permitido socialmente e aquilo que é passível de controle, e, por fim, de extermínio (HARAWAY, 2011).

A partir dessa perspectiva analítica, alguns questionamentos podem ser feitos com base nos estudos de Butler (2015): quais vidas são dignas de serem vividas? Quem conta como sujeito? Quais gêneros e sexualidades são aceitos? A quais corpos se voltam a violência para se manter o que se valida como vida? Quais existências importam? Quais vidas são passíveis de luto?

Assim, nessa ordem adultocêntrica, hegemônica, teleológica e binária da vida e das corporalidades, as crianças e corpos infantis dissidentes representam a ruptura, colocam em xeque as normas, ressignificam as identidades sexuais e de gênero, resistem às políticas de controle e de normalização e os regimes de regulação da vida e, por isso, inicialmente, devem ser vigiadas, controladas e, por fim, até mortas, pois instabilizam os regimes tidos como verdades e bagunçam a inteligibilidade social (BUTLER, 2008).

Dessa forma, outras perguntas podem ser apresentadas: por que uma guerra é declarada a uma criança? A meninos afeminados, meninas masculinas e *crianças*

⁹ Butler (2008) aponta que os gêneros, as sexualidades e os corpos inteligíveis “[...] são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (p. 38).

viadas? De que maneira a sexualidade de uma criança configura em seu assassinato? Como uma morte pode ser considerada necessária para a “conformidade” social? Por que a indeterminação ou a transgressão de gênero se constituem como um pânico moral (MISKOLCI, 2007)? E mais: como a normalização contribui para o apagamento dessas crianças? (CORNEJO, 2010, 2015).

Encontramos em Preciado (2013) que à uma criança não é reconhecido o direito de se governar e fazer uso do seu próprio corpo e seus desejos, como ainda, deve, essa criança, ser supostamente heterossexual e normatizada – a qual faz-se um grande apelo e é digna de ser defendida por aqueles de se dizem em nome da família. No entanto, questionamos: é possível que as crianças e as infâncias escapem a essa ordem? Quem defende as *crianças viadas*, monstruosas, estranhas, *queer*, abjetas¹⁰, trans, dissidentes, singulares, lidas em identidades outras, de uma infância que exige pânico moral, opressão e morte?

Nos mobilizamos a pensar as infâncias dissidentes das normas de gênero e sexualidade e as múltiplas possibilidades de experimentar as existências, os desejos e os afetos como um mecanismo potente de deslocamento das fronteiras da cis-heteronormatividade e da ordem teleológica e adultocêntrica da vida, a qual está alicerçada em uma narrativa de desenvolvimento e de progresso.

Ancorada nessa perspectiva, Butler (2017) aponta que vivemos em um sistema de sujeição paradoxal, no qual tudo aquilo que nos domina também nos constitui, ainda que psiquicamente. Porém, processos de subversão são capazes de emergir nesse mesmo sistema, os quais podem provocar instabilidades nos discursos normalizadores. Segundo Butler (2017), é no “entre” que está localizada a dimensão da resistência.

Desse modo, é no trânsito entre Laure e Mikkael e na descoberta das sensações e das experiências com o corpo que se dá o rompimento das identidades de gênero e sexualidade, a resignificação do binarismo masculino/feminino (BENTO, 2006) e a subversão do sistema sexo/gênero (RUBIN, 2003). O corpo de Laure/Mikkael põe em xeque as fronteiras dicotômicas e estáticas entre os gêneros e os sexos, expondo seus aspectos histórica e socialmente forjados em uma sociedade heterocisnormativa. Nessa perspectiva, enquanto uma/um personagem infantil, esta/este problematiza os sentidos e significados do seu próprio mundo, expondo a ludicidade na infância ao vivenciar

¹⁰ Entende-se a abjeção, segundo os estudos de Miskolci (2012), como tudo aquilo que causa repulsa, asco, nojo e mal-estar, sendo o contato com as existências abjetas temido por ser contaminador.

livremente a multiplicidade dos seus desejos e afetos em dissonância à regulação e normatização das existências.

(Trans)Posições conclusivas: por verdades transitórias

Imagem 4: Cena de *Tomboy*



Fonte: Print de tela realizado pelos autores

As problematizações que lançamos neste artigo expõem os desalinhamentos, as desobediências e os embaralhamentos contra uma perspectiva ancorada na cisgeneridade, na heteronorma e em uma narrativa de desenvolvimento e linearidade, na qual as infâncias são pensadas em díades de feminilidade e masculinidade e em um dever-ser.

Giorgio Agamben (2007), ao fazer um retorno a Walter Benjamin, aponta que as crianças, diferente dos adultos, que são incapazes de magia, consideram a felicidade como um fruto do acaso e de uma relação mágica com a experiência, sendo cada brincadeira, então, uma forma de receber a felicidade de graça, sem pagar nada por ela. Essa magia, porém, é tutelada pelos adultos como projeto do futuro. René Schérer e Guy Hocquenghem (1979) nos propõe a pensar meios pelos quais as crianças podem evitar serem cooptadas e raptadas pelo mundo dos adultos e também como podem produzir uma emancipação política da infância, como fizeram as mulheres, as pessoas negras e as LGBT+, e assim produzir uma vida mais feliz, prazerosa, afirmativa e fundada em suas próprias singularidades.

No que diz respeito às temáticas de gêneros, sexualidades e corporalidades, o contexto sócio-histórico-político e cultural francês, em que se passa a narrativa do filme, vem sofrendo consideráveis (re)configurações desde o final do século XX com as mudanças no “modelo” tradicional de família. No Brasil, acompanhamos, a partir da primeira década do século XXI, um aumento no número de produções que trazem como problemática central os estudos de gênero em concomitância com outros analisadores, como a infância.

Na obra cinematográfica *Tomboy* (2011), encontramos como as políticas de verdade e de gestão da vida incidem, por meio de discursos de inteligibilidade e práticas biopolíticas, no controle e regulação dos corpos que se desviam das normas cis-gêneras e heteronormativas. Assim, em um regime adultocêntrico, inteligível e binário das existências, a infância trans emerge em um cenário de produção de vidas singulares, subjetividades abjetas e corpos híbridos que transgridem a matriz biológica, como nos lembra Haraway (2000) com a metáfora do ciborgue.

A defesa da criança *queer*, *viada* ou trans é uma defesa da vida, da amplitude e da pluralidade, que atravessa gerações e produz formas mais equitativas e respeitadas de convívio em sociedade. Laure/Mikkael nos remete a essa existência híbrida, como uma corporalidade que rompe os dualismos, o “isto ou aquilo”. Ela/ele “desobedece” as fronteiras de gênero e nos convoca a pensar as multiplicidades que habitam os sujeitos e a fluidez das linhas divisórias entre o masculino/feminino e macho/fêmea.

A produção imagética expõe a delicadeza e sensibilidade de uma narrativa onde a/o personagem transita entre as possibilidades do ser/estar, do desejar e do sentir. Laure/Mikkael apresenta uma corporalidade que extrapola os binarismos e embaralha as fronteiras, permitindo à personagem um fluxo identitário e deixando em aberto, no final do filme, composições polifônicas do existir. Laure/Mikkael fala diretamente às “crioncinhas” de outrora do Mato Grosso e lhes devolve a magia, a felicidade gratuita da experiência e a potência que existe na possibilidade de experimentar a si mesmo.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CASTAÑEDA, Marina. **Comprendre l'homosexualité: des clés, des conseils pour les homosexuels, leurs familles, leurs thérapeutes**. (Collection Réponses) Paris: Editions Robert Laffont, 1999.

CORNEJO, Giancarlo. Por uma pedagogia queer da amizade. Trad. Juliana Frota da Costa Coelho. *Áskesis*, v.4, n.1, 2015. p. 130-142. Disponível em: <http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/47>. Acesso em: 25 mar. 2020.

_____. La guerra declarada contra el niño afeminado. *In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 9, Santa Catarina. Anais eletrônicos*. 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291734_ARQUIVO_giancarloornejoFazendogenero.pdf. Acesso em: 25 mar. 2020.

CORSARO, William. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças: diálogos com William Corsaro. *In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Org.). Teoria e prática na pesquisa com crianças*. São Paulo: Cortez, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. *In: _____ . Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.1*. Trad. Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: 34, 1995, p. 11-37.

_____. **O Anti-Édipo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In*: MOTTA, Manoel Barros da. **Foucault: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense, 2006. p. 264-287.

_____. O cuidado com a verdade. *In*: _____ **Ética, sexualidade, política** – Ditos e Escritos V. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, p. 240-251.

_____. Polêmica, Política e Problematizações. *In*: _____ **Ética, sexualidade, política** – Ditos e Escritos V. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b, p. 225-233.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivência**, Florianópolis, ano 20, n. 30, 2008. p. 28-43. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2008n30p28>. Acesso em: 22. fev. 2019.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7. ed. revisada. Petrópolis: Vozes, 2005.

HARAWAY, Donna. **A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2011. p. 27-64.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Trad. Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**. v.5. Campinas: Unicamp, 1995a, p. 07-41. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 7. mar. 2019.

_____. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza**. Cátedra. Universitat de València - Instituto de la mujer. Madrid. 1995b.

_____. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XXI. *In*: TOMAZ, Tadeu (org). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 37-129.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. *In*: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 25, jun. 2000a. p. 59-76. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46833>. Acesso em: 12 abr. 2019.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007, p. 101-128. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100006>. Acesso em: 10. set. 2019.

_____. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 131-147.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador: Editora Devires, 2017.

OLIVEIRA, Nielmar de. Mulher ganha em média 79,5% do salário do homem, diz IBGE. 2019a. **Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-03/mulheres-brasileiras-ainda-ganham-menos-que-os-homens-diz-ibge>. Acesso em: 8 mar. 2019.

_____. Pesquisa do IBGE mostra que mulher ganha menos em todas as ocupações: a diferença entre carga horária trabalhada vem diminuindo. 2019b. **Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/pesquisa-do-ibge-mostra-que-mulher-ganha-menos-em-todas-ocupacoes>. Acesso em: 8 mar. 2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”**. Florianópolis: Estudos Feministas, 2011.

_____. Quem defende a criança queer? Trad. Fernanda Ferreira Marcondes Nogueira. **Revista Jangada**, Viçosa-MG, n. 1, jan-jun. 2013. p. 96-99. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17>. Acesso em: 18 jul. 2019. 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2007.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte: **Psicologia & Sociedade**, 2009. p. 166-173. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200003>. Acesso em: 12 fev. 2019.

RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la economía política del sexo. Trad. Stella Mastrangelo. In: LAMAS, Martha (Comp.). **El gênero: la construcción cultural de la diferencia sexual**. 3. ed. México: Miguel Angel Porrúa: Programa Universitario de Estudios de Género - UNAM, 2003. p. 35-96.

SCHÉRER, René; HOCQUENGHEM, Guy. **Álbum sistemático de la infância**. Barcelona: Anagrama, 1979.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, n. 28, Campinas: Unicamp, 2007. p. 19-54. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>. Acesso em: 26 fev. 2019.

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (Org.). **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

TOMBOY. Direção: Céline Sciamma. Produção: Bénédicte Couvreur. França: Hold Up Films, 2011, (82 min). Disponível em https://www.imdb.com/title/tt1847731/?ref_=nv_sr_2. Acesso em: 25 mar. 2020.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Florianópolis: **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, 2001. p. 452-468. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>. Acesso em: 28. jun. 2019.

Psychosocial cinematographic landscapes:

Cartographic film analysis about the trans childhood in *Tomboy*

Abstract: When we talk about the production of subjectivities, cinema occupies a prominent place in the macro and micropolitical agencies that constantly territorialize and deterritorialize us, since, being composed of a continuum between reality and fiction, this virtual device is updated as a powerful problematizer of the relationships we establish in different socio-historical-political and cultural contexts. In view of this, this work seeks to problematize how the film *Tomboy* (2011) presents the issues of gender, sexuality, corporeality and the production of singular/normative subjectivities in trans childhood. Therefore, we propose an analysis inspired by the Philosophy of Difference, by the epistemology of gender studies and by Queer Studies aiming at the imagetic, political, poetic, ethical, affective and playful narratives of the experiences and transversalities of the trans child protagonist of this French cinematographic work. We will discuss the construction of corporeality and the possible resistances and transgressions for a child that escapes the sex/gender system binarism and that produces themselves in a possible field in which the concepts of man/male and woman/female hinder the expression of desire and construction of a stylistic of singular existence.

Keywords: Gender. Cinema. Filmic cartography. Trans childhood. *Tomboy*.

Recebido: 17/04/2020

Aceito: 25/05/2020